

A INTERAÇÃO ENTRE VISITANTES E VISITADOS, UMA QUESTÃO DE EDUCAÇÃO: IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO NA COLÔNIA WITMARSUM/PARANÁ.

Mary Angela NARDELLI¹

Eliane Villa Lobos STRAPASSON²

Luiz Ernesto BRAMBATTI³

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar os impactos sociais entre residentes e turistas, tendo como objeto de estudo a Colônia de Witmarsum, situada no município de Palmeira/Paraná. O estudo se dedicou a descrever as características da comunidade e investigar as relações entre os residentes com uma cultura tradicional menonita e turistas. Nesse contexto, a necessidade de ações educativas destinadas a redução dos impactos sociais negativos causados pelo turismo, promoverá a preservação e manutenção da cultura local. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso, com caráter exploratório e descritivo. Aplicou-se instrumentos de entrevista e observação, juntamente com pesquisa documental, para identificar, analisar e sugerir alternativas complementares de educação para o turismo, como forma de assegurar o protagonismo da comunidade na preservação de sua cultura.

Palavras Chaves: Impactos Sociais Turismo; Educação Turismo; Colônia Witmarsum.

¹Bacharel em Turismo pela Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais – FEAD MINAS; Especialista em Educação em Valores Humanos pela Faculdade Integrada Espírita; Mestranda em Turismo na Universidade Federal do Paraná – UFPR. <http://lattes.cnpq.br/9141433997201133> Endereço eletrônico: angelanardelli@gmail.com. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Contestado - Mafra, Santa Catarina; Especialista em Ecologia Aplicada pela Universidade do Contestado; Mestranda em Turismo na Universidade Federal do Paraná. UFPR. https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=5E3C1FF1F02FBCF275A4978527BFED6E Endereço eletrônico: eliane.cenpaleo@unc.br

²Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade do Contestado - Mafra, Santa Catarina; Especialista em Ecologia Aplicada pela Universidade do Contestado; Mestranda em Turismo na Universidade Federal do Paraná. UFPR. https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=5E3C1FF1F02FBCF275A4978527BFED6E Endereço eletrônico: eliane.cenpaleo@unc.br

³Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Mestrado em Turismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR. link Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4777876T5>. Endereço eletrônico: lebramba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em Ciências Sociais, a análise acerca de impactos sociais atribuídos ao turismo na interação estabelecida entre visitantes e visitados, pode apresentar um limiar entre unicidade de cada local e generalizações intrínsecas ao termo “relações sociais”.

A análise dos impactos sociais do turismo em comunidades deve levar em conta o contexto da localidade, expresso por suas crenças, conhecimentos comuns, diversidade, memória histórica, práticas agrícolas ou outros modos de produção que se apresentem na composição de valores econômicos ou de subsistência, entre outros fatores.

Enquanto campo de conhecimento, o turismo deve ser identificado e reconhecido como um fenômeno complexo de relações objetivas e intersubjetivas, que considera sua dimensão humana, cultural, histórica e da relação do homem com seu contexto social e coletivo; e analisado à luz das suas múltiplas perspectivas, como: a econômica, a social, a política e ainda, como uma prática social. Sob essa interface, cada localidade possui variedade de referências imaginárias, histórias e memórias que são a base da prática do turismo e, por isso, cada iniciativa de turismo desenvolvida em uma comunidade pode ser considerada única.

O objetivo deste artigo é descrever as características da comunidade de Witmarsum, verificar se é uma comunidade tradicional pelo fato de sua origem menonita e forte importância da religião na organização social, analisar as relações entre os residentes e turistas e o papel de ações educativas destinadas a minimização de impactos para a cultura da comunidade, uma vez que a prática do turismo já está consolidado como um destino de turismo em meio rural, conforme pode ser verificado na observação empírica.

Trata-se de um estudo de caso com metodologia descritiva e exploratória, uma vez que descreve o objeto de estudo e se propõe a fazer discussões sob alicerces conceituais de Nunez (1978), Bauman (1999), Pierce (2002) e Castells (2002) e analisa os encaminhamentos dados por Nunez e Pierce nos aspectos inerentes aos impactos sociais do turismo na interação entre visitantes e visitados, procurando fazer a convergência entre a dinâmica da identidade tradicional (ou não) presentes nas comunidades e a identidade “fluidica” do homem pós moderno (Bauman).

2. INTERAÇÃO ENTRE VISITANTES E VISITADOS – OS IMPACTOS DO TURISMO NA CULTURA E IDENTIDADE

Analisar as relações entre turistas e residentes é uma necessidade, como forma de conhecer os efeitos econômicos, ambientais e socioculturais do turismo e a partir de então promover o planejamento de ações para minimizar seus impactos. Segundo Pierce (2002) a evidência internacional indica que quando os impactos negativos são ignorados pode haver

repercussões econômicas e políticas importantes. Uma comunidade insatisfeita com atividade turística desenvolve atitudes que vão contra o desenvolvimento do turismo, deixando de participar do processo, sendo hostil ou indiferente com os turistas, demonstrando má vontade em trabalhar no setor turístico.

Tais impactos ainda podem ser de aculturação, abordado por Nunez (1978), no qual o residente, em contato com o visitante, passa a ter influências sobre seu modo de vida, comportamento, cosmovisão, incorrendo numa descaracterização de sua identidade cultural originária, podendo em outros momentos, inclusive, migrar (ou criar) para outro *modus operandi* oriundo dessa influência. (CASTELLS, 2002).

Para Pierce (2002) as consequências negativas do contato insatisfatório entre turista e o residente têm sérias implicações para o desenvolvimento do turismo numa região.

O mesmo autor considera útil comentar se os impactos são objetivamente verificáveis ou subjetivamente sentidos, uma vez que as táticas para melhorar as relações turista/residente podem ser diferentes nos dois casos. Para ele se os impactos forem objetivamente percebidos, podem ser alterados pelos processos de educação e informação, mas se os impactos forem subjetivamente verificados não será uma opção tão viável assim.

Para Nash (1989) pode existir ainda um comportamento “imperialista” por parte do turista sobre o visitado, que influencia e altera a cultura local de modo diretivo. Ou seja, a expectativa, demanda e solicitação do turista, modelam os serviços prestados alteram suas características originais a ponto de se obter um “simulacro” sobre o próprio atrativo turístico. Em se tratando do contato direto entre os turistas e populações de comunidades pobres, frequentemente o turismo gera discórdia, exploração e problemas sociais, como a invasão da privacidade, abarrotamento, influências sobre o comportamento sexual e identidade cultural. Por exemplo, os estudos de Urbanowicz (1977) realizados em Tonga, observaram que os turistas de grandes navios de cruzeiro provocavam abarrotamento nas cidadezinhas e que as crianças de Tonga pediam esmolas aos visitantes nos principais locais de atração turística.

O comportamento do homem do século XXI vem chamando a atenção de sociólogos como Bauman (1998) e Harvey (1994) pela suas teorias da fluidez, fugacidade e volatilidade. Assim, infere-se que o turista deste século assuma este comportamento próprio da pós-modernidade, fluidico, fugaz e volátil, ou seja, tem um comportamento antagônico ao de comunidades de culturas tradicionais.

Pierce (2002) menciona que o simples fato dos turistas observarem a população local, pode provocar influências profundas. Espontâneas atividades culturais dos grupos étnicos, chamam atenção de turistas e passam a serem promovidas como espetáculos. Esta concepção não está presente somente nos atrativos turísticos mas faz parte das dimensões culturais da pós-modernidade, como afirma Guy Debord em A Sociedade do Espetáculo, afirma que a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos.

Entretanto, segundo Sofield (1991) para algumas comunidades pequenas, sem sofisticação tecnológica, o contato direto com os turistas, quando eles chegam em pequenos grupos, podem ser psicologicamente benéficos para os anfitriões. Esse efeito benéfico está relacionado com a valorização dos rituais ou eventos realizados pela comunidade.

No caso de comunidades tradicionais, em que prevalecem relações pré-capitalistas, as culturas se mantêm tradicionais, o que afirma Diegues (1999), nas quais o trabalho ainda não se tornou mercadoria e em que já ocorre dependência do mercado.

Essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela ideia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos. (DIEGUES, 1999)

Para Boissevain (1979) a restrição do número de visitantes e a exigência de alguns códigos de comportamento parecem ser fatores importantes que afetam o resultado do contato direto turista/residente.

O trabalho de Holmes e Rahe (1967) refere-se as tensões que o turista enfrenta por falta de conhecimento do destino, essas tensões estão relacionadas ao fato do turista estar em um ambiente diferente, com cultura e língua diferente, o que causa preocupação e desgaste emocional. Comportamentos culturais diferentes ao mesmo tempo em que são o atrativo cultural pela diferença, podem criar tensão e desconforto, se o turista não tiver informações sobre o destino visitado, ou se o residente não tiver informações sobre quem os está visitando.

Este parece não ser um problema no turismo urbano, onde não ocorrem grandes diferenças na ordem cultural entre o visitante e o visitado, se procedente de outro centro urbano. As cidades no século XXI estão com comportamentos mais homogêneos que as comunidades rurais, que ainda mantêm traços identitários de vida comunitária. No dizer de Fernandes (2015), “o turismo nas cidades passou a ser uma necessidade de consumo, como também uma prática de consumo e os espaços criados para o turismo passam a ser espaços de consumo, de mercadorias, de lazer, de entretenimento”(32).

O turismo se apropria do espaço para desenvolver suas práticas, por meio do consumo, da produção e reprodução do capital, tornando o lugar uma mercadoria, expandindo e apropriando áreas de recreação, entretenimento, lazer e de passeio valorizadas pelos moradores no seu cotidiano, para novos atores sociais, mesclando e misturando as práticas cotidianas às turísticas. (FERNANDES, 2015, p.32)

Segundo Brambatti (2006), é através do consumo dessas mercadorias imateriais (vivências culturais) e do consumo das mercadorias materiais, que se dá a circulação do capital, movimentado pela cadeia produtiva do turismo. No caso do turismo em meio rural

há três aspectos importantes a considerar: a) a transformação de casas e pequenas propriedades rurais típicas da zona rural para receberem visitantes, na forma de pousadas, restaurantes, café colonial, museus; b) transformação da cultura gastronômica típica local em mercadorias para consumo turístico; c) a transformação de agricultores familiares em pequenos empreendedores.

O resultado dessas mudanças na vida das pessoas está no centro de nosso interesse de pesquisa, principalmente em comunidades fortemente marcadas pela religiosidade, como é o caso da comunidade menonita de Witmarsum. Estamos fazendo referência a possíveis mudanças nas identidades individuais e coletivas causadas pela presença de estranhos à comunidade.

Nesse contexto complexo que envolve uma atividade de capitalismo avançado como é o turismo, numa comunidade em meio rural, com características de cultura tradicional quanto ao aspecto religioso, espera-se um impacto ainda maior do turismo em transformações culturais, no sentido da modernização também no campo da ética e da moral.

3. COMUNIDADE DE WITMARSUN E O TURISMO

Segundo a Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum, a Colônia Witmarsum, localiza-se há 60 Km da capital do Estado do Paraná, Curitiba, na região dos Campos Gerais, município de Palmeira (ACPMW, 2014). Vivem nesta comunidade cerca de 300 famílias, sendo que totalizam uma média de 2.000 pessoas. Destes moradores estima-se que 1.200 sejam alemães menonitas praticantes e 800 não menonitas. Da Holanda migraram para a Prússia e Ucrânia. Em 1870 uma lei russa obriga o serviço militar, ao que os menonitas rejeitam, provocando uma migração de 18.000 menonitas para os Estados Unidos e Canadá. A situação fica agravada na Rússia com a Revolução Bolchevique de 1917, e o início da perseguição religiosa. Em 1929, cerca de 6.000 menonitas migram para a Alemanha e 12.000 são enviados para a Sibéria por Stalin. Entre 1930 e 1932, o Brasil acolhe as primeiras 141 famílias menonitas, vindas da Alemanha, na cidade de Ibirama, SC, somando 802 pessoas. Em 1951, com uma crise da agricultura nos núcleos de Santa Catarina, buscam novos espaços e fundam a Colônia Witmarsum em Palmeira, PR. (WITMARSUM COOPERATIVA, 2015).

A religião menonita tem sua origem na fé anabatista, no qual os cristãos deveriam viver em comunidades rurais, onde a terra e a produção fosse coletiva, não houvesse apropriação de lucro individual, mas trabalhariam na forma de cooperativas. Em 1530 um padre católico renegado de nome Menno Simons organizou grupos de famílias urbanas e rurais, que passaram a ser chamados de menonitas pelos radicais protestantes (Sahar, 2000, p. 67). Desenvolveram uma agricultura avançada, principalmente na Holanda e passaram a preservar a língua holandesa, as estruturas familiares, impedindo casamentos fora da comunidade e a manutenção dos princípios religiosos.

Sahar (2000) afirma que eles desenvolveram, com isso, uma cultura que se preocupa muito com a preservação de tradições, negociando permanentemente a sua adaptação aos contextos forasteiros. Nos seus princípios religiosos estão a Bíblia e os livros religiosos, a proibição de álcool e fumo, não residir com não menonitas, produzir de forma coletiva e comercializar na forma de cooperativa. A integração social se dá com os pares de outras localidades do Brasil e do Paraguai. A preferência pelos casamentos está entre os praticantes menonitas, sendo que na atualidade já se permite casamentos entre membros de localidades e religiões diferentes.

Hoje, ambas as comunidades rurais, a de Bagé e a de Palmeira, estão bem integradas no seu respectivo ambiente brasileiro e participam ativamente na vida comunitária dos seus municípios, trocando gradativamente a isolamento sistêmica por uma integração social com o ambiente externo. (SAHAR, 2000,p. 72)

A colônia leva o nome da cidade onde nasceu o fundador Menno Simons, Witmarsum. Hoje, segundo o site de turismo, mantido pela Prefeitura Municipal de Palmeira/PR, vivem na comunidade aproximadamente 1500 habitantes, divididos em 5 glebas (aldeias) que rodeiam o centro comercial local. *Sum* é um sufixo que significa pomar ou chácara. *Witmarsum* seria, originalmente, Chácara do Witmar.

Foi formada em 1951 com a aquisição de 7800hc de terras da então Fazenda Cancela. A compra das terras ocorreu com a ajuda de instituições menonitas localizadas nos Estados Unidos e Canadá (ENNS; CAMARGO e KRÜGER, 2000); (ACPMW, 2001).

Tão logo instalaram-se na antiga Fazenda Cancela, os alemães menonitas organizaram-se e montaram a Cooperativa Agropecuária de Witmarsum Ltda, de modo que esta se responsabilizaria pela administração e comercialização dos produtos da comunidade, tais como: leite e derivados, frangos de corte, milho, soja, trigo, etc. (ACMPW, 2001); (WITMARSUM COOPERATIVA, 2014). Atualmente existe também uma associação de moradores que chegou a ter 200 funcionários e não é apenas representativa, mas executora das políticas sociais e comunitárias. Faz parte da cultura menonita a organização coletiva e a mobilização para processos de cooperativismo e associativismo, como estratégias de transpor os desafios de gestão da qualidade e melhoria de vida local.

Em 1952 foi fundado o Colégio Fritz Kliewer, com aulas em alemão (Hochdeutsch) e português. Na Colônia falam-se três línguas: a) Plautdietsch (um dialeto alemão falado por cerca de 400.000 menonitas no mundo, que está caindo em desuso), b) Hochdeutsch (alemão padrão), c) Português.

As línguas alemãs Plautdietsch e Hochdeutsch são consideradas como parte da identificação cultural dos menonitas:

No início da fundação do colégio, em 1952 e nas duas décadas seguintes, a grande maioria dos alunos menonitas-alemães se comunicava entre si em Plautdietsch (mennonite low German) e / ou em Hochdeutsch (alemão standard). No entanto, nos últimos anos este quadro teve grandes

mudanças no que se refere ao emprego das línguas: a maioria dos alunos não fala mais o Plautdietsch, por ser uma língua estigmatizada pela própria comunidade, priorizando assim o ensino do Hochdeutsch e do Português, línguas consideradas mais importantes para o futuro da criança ou do jovem. (DUCK, 2008)

Ainda que timidamente, aos poucos foram sendo construídas pousadas, restaurantes e cafés visando atender os comerciantes que chegavam para tratar de negócios na Cooperativa. Para a ACMPW (2001, p. 11), “localizada em região geograficamente privilegiada e possuindo tradição e cultura para apresentar aos visitantes, o turismo é uma fonte alternativa de receita”. Atualmente, a atividade tem ganhado expressão no local, haja vista que o número de visitantes tem crescido, bem como os investimentos no setor.

[...] a atividade turística na Colonia Witmarsum começou em 2002, a partir de um programa de turismo cooperativo, cuja ideia veio do SESCOOP e da OCEPAR em começar com o turismo rural nas cooperativas que tinham vínculo com essas entidades, com o intuito de acrescentar uma fonte de renda alternativa aos agropecuaristas. JANZEN (2005, p. 90)

Atualmente a estrutura turística da colônia é composta de um Museu histórico Witmarsum, composto de documentos, utensílios, artefatos, cujo responsável é o historiador Heinz Egon Philippsen; um escritório de recepção aos turistas, com folheteria e produtos coloniais a venda; três guias de turismo local; sete casas de gastronomia (café colonial, restaurante, confeitaria); três casas de artesanato; duas agências de turismo receptivo (Awentur, para trilhas e turismo de aventura, e Philippsen Turismo receptivo); três equipamentos de turismo rural; cinco pousadas;

Em visita técnica a colônia feita pelos autores em 2015, a Sra. Hilka Tellervo Ewert, do restaurante Bauernhaus, concedeu entrevista, na qual narra que o turismo foi implementado a partir do modelo de turismo rural já experienciado por uma colônia finlandesa em Penedo, RJ, em 1996.

A própria entrevistada foi uma das pioneiras com o turismo em sua propriedade, como alternativa econômica complementar à agricultura – O Restaurante Bauernhaus, que oferece serviços também de locação do espaço para eventos e educação ambiental/passeios pedagógicos. Ela conta que com a saída dos filhos para estudar, e conseqüentemente morar no centro urbano próximo – Palmeira – o turismo passou a ser a principal atividade econômica da família.

Comenta que, muito embora não se preocupe com a descaracterização da cultura local, por conta do turismo, sabe que o risco existe. Entretanto comenta:

O medo de perder a cultura existe [...], mas o mundo o global, cabe a cada um cuidar da sua cultura. [...] através do turismo, se a turista pergunta sobre nosso folclore, cultura e arquitetura, as pessoas daqui também começam a dar mais valor. (HILKKA, 2015).

A diversificação de oferta turística presente no equipamento da Sra. Hilka, atende a uma demanda principalmente para escolas, com as opções de gastronomia e artesanato típicos e educação cultural/ambiental, como tirar leite da vaca, passear de trator, entre outros.

O mapa abaixo apresenta a diversificação da oferta na Colônia e na tabela a seguir podem ser identificados os empreendimentos que compõem a estrutura para o turismo rural em Witmarsun.

Figura 1. Mapa de atrativos turísticos na Colônia Witmarsun – Palmeira/PR



Fonte: <http://www.palmeira.pr.gov.br/turismo/colonia-witmarsun> . Acessado em 15 de abril de 2016.

Segundo Witmarsun Cooperativa (2015), a instituição é proprietária do Colégio, Hospital e o Museu e os membros da Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsun destinam 1% da sua produção mensal para o caixa da Associação. Com este fundo são mantidos o ensino de pré-escola e o ensino fundamental e médio, o museu histórico, o atendimento médico-ambulatorial, hospitalar, farmacêutico e odontológico, a escola de música, atividades esportivas e outras modalidades de desenvolvimento cultural da comunidade.

Não é difícil perceber na comunidade o orgulho de pertencer ao lugar, assim como o compromisso em manter as tradições culturais, mesmo sabendo que a influência do visitante é constante e o risco é grande. O temor maior dos moradores da colônia com a presença de estranhos, inicialmente, foi com a violência e a possibilidade de assaltos.

4. EDUCAÇÃO PARA O TURISMO

O trabalho de Pierce (2002), sobre a relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão, apresenta os inúmeros conflitos relacionados a relação entre residentes e turistas. Diante do conhecimento da existência desses conflitos surge, então, a reflexão sobre quais fatores que podem contribuir para diminuir os impactos causados pelo turismo.

Para Krippendorf (2000) o ser humano não recebe educação relativa à prática do turismo, ou seja, não há um aprendizado que ensine a viajar e, por isso, este fato é identificado como uma grave lacuna “responsável pelos inúmeros erros de comportamento que cometemos nas férias, assim como nossas decepções e incapacidades de desfrutar plenamente da viagem” (KRIPPENDORF, 2000, p.182).

Fonseca Filho (2007) também menciona que os erros de comportamento são ocasionados pela falta de conhecimentos prévios sobre as características do local e da população visitados, sendo esta muitas vezes vista pelo turista como meros empregados.

Diante do exposto, fica perceptível que a falta de conhecimentos relacionados à prática do turismo, ao destino a ser visitado, é responsável pelos erros cometidos em viagens. Se há falta informação, evidencia-se a necessidade de ações que promovam o conhecimento, de forma a preencher essa lacuna.

Os conhecimentos referentes a prática do turismo são necessários, não somente para os turistas, mas também para os residentes. Pierce (2002) menciona que uma comunidade que recebe uma educação mais detalhada sobre o turismo será mais capaz de analisar os impactos que se relacionam especificamente com essa área, fazendo uma avaliação equilibrada das consequências positivas e negativas do desenvolvimento. Assim as campanhas de informação e esclarecimentos sobre o turismo, sobre hábitos e as diferenças culturais dos turistas oferecem uma linha de ataque para a melhoria das relações entre turistas e residentes.

Krippendorf (2000 p.158) também acredita que as informações são necessárias para os residentes, pois os habitantes das regiões turísticas mostrariam prudência se tomassem mais consciência de seu próprio valor e se permitissem aos turistas maior acesso às riquezas da própria cultura.

Conceder ao turismo uma face mais humana é despertar e explorar plenamente o enorme potencial que permanece adormecido em cada indivíduo. Essa tarefa, extremamente útil mas ao mesmo tempo difícil de colocar em prática, é da alçada de uma animação bem compreendida, isto é, definida como uma educação para a viagem. (KRIPPENDORF, 2000, p.177).

Furnham e Bochner (1986) apostam na educação para a melhoria das relações entre residentes e turistas, segundo eles, educar, antes do contato, as duas partes com relação às

práticas sociais e culturais de ambas as sociedades talvez seja uma das vias promissoras para gerar atitudes mais positivas nos contatos entre turistas e residentes.

Diante do exposto e levando-se em consideração a importância do conhecimento e da informação para a realização das mais variadas atividades existentes na sociedade, na qual residentes e turistas estão inseridos, percebe-se, então, a Educação como um requisito também necessário ao turismo. Por meio da Educação é possível proporcionar, aos residentes e turistas, informações necessárias que poderão contribuir para amenizar os impactos do turismo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância de conhecer e analisar as relações entre turistas e residentes, como forma de conhecer os efeitos econômicos, ambientais e socioculturais do turismo e a partir de então promover o planejamento de ações para minimizar seus impactos, o presente estudo teve como objetivo analisar a existência de ações educativas e os impactos sociais entre residentes e turistas, tendo como objeto de estudo a Colônia de Witmarsum, situada no município de Palmeira, estado do Paraná. O estudo se dedicou a investigar as relações entre os residentes com uma cultura tradicional menonita e turistas e, neste particular contexto, a existência e/ou a necessidade de ações educativas destinadas a redução dos impactos sociais negativos causados pelo turismo.

O estudo realizado junto a comunidade de Witmarsum, se utilizando de observação e entrevistas com moradores, possibilitou conhecer as relações existentes, naquele espaço, considerando os residentes, os turistas e ações educativas. Primeiramente, em, se tratando dos impactos causados pela atividade turística, diagnosticou-se que comunidade apesar de não estar muito preocupada com a sua descaracterização, tem consciência da existência dos riscos. Porém, vêem no próprio turismo um aliado na valorização da cultura, relatando que quando o turista se interessa com as peculiaridades do local, os membros da comunidade se sentem valorizados e orgulhosos da sua cultura. Outro aspecto positivo do turismo refere-se a economia, pois a comunidade o considera uma importante atividade economia, que contribui para a subsistência local.

No que se refere a educação para turismo, verificou-se a existência de atividade educativa na comunidade e a importância de educação local para o turismo, ou seja, a comunidade sendo educada para receber, não somente pela hospitalidade, mas ainda pelo desejo de protagonismo pela sua Identidade Social. Essa iniciativa da comunidade, demonstra ser benéfica para a preservação da cultura, pois apesar dos turistas não receberam informações referentes a comunidade, antes de visitá-la, ao entrarem em contato com a história e com os costumes do local, fruto da ação educativa, adotam uma postura de interesse e respeito pela comunidade. Essa ação vem reforçar o que acredita Krippendorf (2000), que considera as informações necessárias também para os residentes, pois os habitantes das regiões turísticas mostrariam prudência se tomassem mais

consciência de seu próprio valor e se permitissem aos turistas maior acesso às riquezas da própria cultura.

Nesse contexto, o atual estudo, prevendo que a dinâmica de interação se dá de modo heterogênea, numa sociedade globalizada e de interesses voláteis, característicos da sociedade pós-moderna, a preservação e manutenção da cultura de cada local, deve ser de prerrogativa dos agentes locais. Inferindo-se com isso que a Educação mais valiosa para cada comunidade é aquela que lhe é peculiar e única.

No que diz respeito a preservação de culturas, a organização do turismo em comunidades com culturas tradicionalistas, como Witmarsum, evidencia que a preservação da cultura local, está sob processo decisório da própria comunidade.

6. REFERÊNCIAS

ACMPW, Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum – Site institucional. Disponível em <<http://www.acmpw.com.br/>> acessado em 06 de dezembro de 2015.

ACMPW, Associação Comunitária dos Moradores Proprietários de Witmarsum. Witmarsum (2001), 50 anos no Paraná: A história da colônia, a atuação menonita e os pioneiros. s/c. s/e.

Bauman, Z. (1998), O mal-estar da pós-modernidade, Zahar Ed. SP.

Boissevain, J. (1979) The Impact of Tourism on a Dependent Island, Cozo, Malta, em *Annals of Tourism Research*, 6, pp. 76-90.

Brambatti, L.E. (2006) Racionalização, Cultura e Turismo. Tese de Doutorado. UFRGS, PPGS.

Castells, M. (2002), O poder da Identidade, SP: Ed.Paz e Terra, PP.78- 87.

Debord, G. (2003) A sociedade do Espetáculo. Versão digital em português in <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html> > acesso em 22/5/2016.

Diegues, A.C.S. Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Disponível em <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3810> > acesso em 20 de março de 2015.

Dück, E.S. (2008), O trilingüismo no Colégio Fritz Kliewer de Witmarsum. Paraná. http://www.celsul.org.br/Encontros/08/trilinguismo_col_fritz_kliewer.pdf

Enns, E. R. Camargo, M. A. R. e Kruger, A. (2000) Permaneci em mim: 70 anos da imigração menonita. Curitiba: s/e.

Fernandes, D.L. (2015) O impacto dos planos diretores na satisfação de visitantes e visitados e na imagem do destino turístico Curitiba. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, PPGG, orientador José Manoel Gandara, 447 p.

Fonseca Filho A.S. (2007), Educação e turismo: reflexões para elaboração de uma educação turística. *Revista brasileira de pesquisa em turismo*. V.1, n.1

Furnham, A e Bochner, S.(1986), *Culture Shock*. Londres: Methuen.

Hall, S. (1995), *A identidade cultural na pós-modernidade*, 3a ed., São Paulo: DP&A editora.

Harvey, D. (1994), *Condição Pós-moderna*, Ed. Loyola.

Ewert, *H.T.* (2015) Entrevista concedida à Mary Angela Nardelli, Elaine Strapasson e Luiz Ernesto Brambatti, realizada em outubro de 2015, Restaurante Bauernhaus, Colônia Witmarsum, Palmeira, PR.

Holmes, T. H. e Rahe, R. H. (1967) The Social Readjustment Rating Scale, em *Journal of Psychosomatic Research*, 11, pp. 213-218.

Janzen, K. Entrevista concedida à Sâmela C. Rocetim, realizada em agosto de 2013, apud Rocetim, S. Turismo na Colônia de Witmarsum – Palmeira PR: Estudo de caso sobre a situação atual da atividade turística, Unicentro, Irati, 2013.

Krippendorff, J. (2000) Sociologia do turismo - para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph.

Nash, D. (1989) O conceito de imperialismo nas situações de interações sócio-culturais, texto de in Valene, S. Host and Guests, in *Anfitriones e Invitados, endymion*, Madrid, p. 69-94

Pearce, P. L. (2002). A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: Turismo Global. Theobald, F. William (org). 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC.

Sofield, T. (1991), Sustainable Ethnic Tourism in the South Pacific: Some Principles, em *Journal of Tourism Studies*, 2 (1), pp. 56-72.

Urbanowicz, C. (1977), Integrating Tourism with Other Industries in Tonga, em B. Farreli (org), *The Social and Economic Impact of Tourism on Pacific Communities* (Santa Cruz: Centro de estudos sobre o Pacífico Sul, Universidade da Califórnia); *Tourism in Tonga: Troubled Times*, em V. L. Smith (org.), *Hostes and Guests*, cit.

Witmarsum Cooperativa. Site institucional. Disponível em <<http://www.witmarsum.coop.br>>. Acessado em 06 de dezembro de 2015.

SAHR, C.L.; Wolf-DietrichOLF, S. A. H. R. LÖWEN.(2000) Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. *Ra´ega*, Revista digital eletrônica O Espaço Geográfico em Análise, UFPR, v. 4, p. 64 – 72.